

O CIRCO BOCUTE

Nilza Pinto de Queiroz

Instalado na quadra onde se construiu a Assembléia Legislativa ou na quadra que compreende a COMAPAM (*Rua Barão de Melgaço esquina com a Avenida Ponce*), ainda, na Praça Rachid Jaudy, o Circo Bocute alegrava a vida de todos nós...

Cartazes pela cidade anunciavam sua estréia e, na data marcada, o caminhão da Companhia percorria as principais ruas da cidade, chamando a atenção do povo com música ao vivo e com amostragem dos principais artistas.

À noite, com o local fartamente iluminado, o alto-falante ampliava a voz do locutor que anunciava a peça teatral que seria exibida, assim como o número de “*variedade*” programado para a noitada. A seguir, os anúncios comerciais e, depois, as músicas da época, não se esquecendo do imortal tango “*La Cumparsita*”.

A população se animava e o Circo Bocute ficava lotado, à semelhança do Maracanã no dia em que se disputa partidas domésticas ou quando o Brasil entra em campo para uma luta internacional.

Gente de toda a categoria: brancos, pretos, jovens, idosos, civís, militares, enfim, todo o povo, em suas diferentes representações. De acordo com a classe social, as pessoas se acomodavam nos camarotes, nas cadeiras ou nas arquibancadas de madeira, vulgarmente conhecidas como “*poleiro*”.

A distribuição das tábuas do “*poleiro*” - várias ordens de fila, cada uma num plano mais elevado que a outra -, facilita a visão, fornecendo uma

vista panorâmica de tudo o que acontece no circo. Portanto, a preferência pelo “*poleiro*” atende a dois objetivos: menor preço do ingresso e maior visibilidade.

Enquanto se esperava o horário do espetáculo, havia quem trabalhava vendendo refresco gelado, caramelos, pirulitos, pipocas, queimadas e outras guloseimas.

Às 20:00 horas, cessava-se o vozeiro do alto-falante, apagavam-se as luzes laterais, e focalizava-se o picadeiro, onde desfilavam os artistas, ao som de música ao vivo e das palmas da assistência. Muito brilho, muita maquilagem, muita cor, os quais exerciam um encantamento aos nossos olhos de adolescente!

Davam-se início às “*variedades*” que consistiam em: trabalho nos trapézios, danças, malabarismos, mágicas, brincadeiras dos palhaços, cantos, etc.

Numa dessas apresentações, aparece-nos o Prof. Cimalha, como violonista e cantor. De início, o que mais nos chamou a atenção, foi a sua roupa de seda fulgurante, tão amassada que parecia haver saído do gargalo ou “pescoço” de uma garrafa! Ao apresentar o seu número, fez um enorme preâmbulo para explicar sua música dizendo que “*era muito conhecida no Estado de São Paulo, mas não sabia da sua repercussão em Mato Grosso*”. Nossa expectativa aumentou e quando o Prof. Cimalha prosseguiu: trata-se da valsa “*Saudades do Matão*”... Não conseguiu dizer mais nada, porque o povão do “*poleiro*” cobriu-o de vaia, num protesto que significava viver isolado, mas informado, através de rádio - na época, a Rádio Nacional. Nunca mais ele veio duvidar da nossa capacidade de andar informado...

Outra variedade: o rebolado da Doramy Bocute que arrancava os maiores aplausos, quando aparecia de roupa curta, mostrando as pernas. Após a apresentação saía oferecendo seu retrato ao pessoal que tomava assento na cadeira; muito casal saiu brigado do Circo, por ciúmes da artista.

Em seguida, o palhaço “*Pasta Chuta*” que nos dizeres dos menos estudados, expressavam-se: “*O Pasta Chucra*” quase matou nós de tanto rir”.

A bonita Hortência, mulher do “*Pasta*”, preferia cantar os boleros de sucesso, em castelhano, sob o aplauso dos fãs.

E o trabalho dos trapezistas, controlado pela música? Se esta falhasse, eles se arrebentariam no chão.

Depois dessa tensão, vinham os mágicos com suas impressionantes habilidades tirando pombas do chapéu, lenços da manga do paletó e outras surpresas. Numa dessas ocasiões, convidaram um elemento da platéia para ir até ao palco, e, sob nossos olhos, fez a pessoa “*botar*” uma dúzia de ovos! risadas e assovios ensurdeceram os ouvidos da platéia.

Para alterar a rotina, o Circo Bocute inventou um Programa de Calouros, nos fins-de-semana. Entre um candidato e outro, apareceu um rapaz do Mundéo para cantar “*Aquarela do Brasil*”. Fez a entrada: “*Foi, entre o mar e o céu... NÃO, corrigiu: Foi, entre o céu e o mar...*” e não pôde continuar, tamanha foi a vaia. No dia seguinte, ao comentar conosco seu fracasso disse: papai ficou tão envergonhado e se retirou do ambiente; em casa, chamou minha atenção dizendo que estava naquela idade - 70 anos aproximadamente - e nunca havia visto vaia maior!

Para finalizar, vinha o dramalhão no palco: “*O Ébrio*”. Romeu como galã - e fazia jus ao título, principalmente quando aparecia produzido (pintado, levemente, de “*rouge*” e “*baton*”) -, a bonita Hortência e o simpático “*Pasta*” nos papéis principais, sendo todos eles da mesma família proprietária.

O Circo Bocute marcou presença em Cuiabá; as temporadas eram de vários meses, a ponto de suas crianças frequentarem a nossa Escola Modelo “Barão de Melgaço”.

O que se fazia para arranjar dinheiro!... Nosso vizinho tinha uma galinha que lhe fornecia ovo todos os dias... Pois nem a galinha se salvou!...

porque ele a vendeu e, no dia seguinte, nem gemada, nem ovo escaldado, nem farofa de ovo...; barriga vazia - é certo, mas trazendo na retina toda a fantasia que o Circo Bocute nos proporcionava...